

Dr. Alberto Alves da Silva



HOLLANDEZES NA BAHIA = (1624-1625)
(COMMEMORANDO O TRI-CENTENARIO DE SUA EXPULSÃO)

“A aversão á Fé Catholica,
e á Nação Castelhana erão
nelles hum só impulso; com os
mesmos golpes da vingança
obrarão os sacrilegios, pade-
cendo a lastimada Bahia por
outros peccados estes insultos”.

R. PITTA.

BAHIA - 1925

Dr. ALBERTO ALVES DA SILVA

Deraldo I, de Sousa

Catálogo da Biblioteca

N.º 962

Comp. _____

Class. _____

HOLLANDEZES NA BAHIA

==== 1624 - 1625 ====

(Ho commemorar-se o tri-centenario
de sua expulsão - 1625 - 1925)



1925
A NOVA GRAPHICA
Travessa do Garapa, 26
BAHIA

DO MESMO AUTOR:

Os saes de bismutho no tratamento da siphile —
Comunicação feita á Sociedade “Alfredo Britto” — 1922.

**Orelha e Appendice Caecal (Apreciações physio-
logicas) —** Comunicação feita á Sociedade
“Alfredo Britto” — 1922.

**Do Pneumothorax Artificial no tratamento da
tuberculose pulmonar. —** These de doutoura-
mento. — 1924.

A' Bahia,

*na pessoa do seu dignissimo e
honrado Governador*

*Dr. FRANCISCO MARQUES DE
GÓES CALMON,*

dedica e offerece

o Autor.

Explicando . . .

Certa feita, revendo e desempoeirando papeis e notas velhas (neste doce enlêvo que sentimos, revivendo o nosso passado) demos de vista com alguns apontamentos, cuidadosamente reunidos sobre a primeira invasão hollandeza no Brasil.

Lembramo-nos, de logo, que precisamente no anno corrente, em Maio proximo, regista-se o terceiro centenario desse feito glorioso, por cujo desenlace, não ha negar, muito concorreu o civismo da nossa população. Decidimos, então, commemora-lo.

Juntamos as notas do feliz achado, preenchemo-lhes as falhas, concertamo-lhes os desacêrtos, aclaramo-lhes as duvidas e as incertezas e por fim enfeichamos e enfôrâmamos no livro aqui presente. Si lhe quizerem dar, afinal, algum valor (que lhe

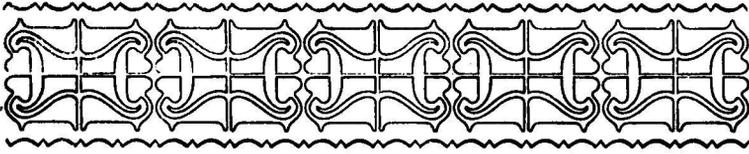
desconhecemos) não excedam, por bondade ou por estima no premiar. Digam o que, bem ou mal elle é e nem mais o pode ser: uma simples memoria, uma narração modesta, uma sincéra homenagem aos nossos irmãos de outr'ora que preferiram estoicamente as inclemências, os dissabores, as asperezas, o arduo labutar incessante no affastamento voluntario á commodidade, vergonhósa aliás, da submissão ao estrangeiro invasor.

Bahia, 24 de Abril de 1925,

Alberto Alves da Silva.

HOLLANDEZES NA BAHIA (1624-1625)

PRIMEIRA PARTE: — A tregoa de doze annos. Companhia das Indias Occidentaes. Escolha do ponto de ataque. Denuncias á Hespanha. Partida da esquadra. A viagem. Preparativos da cidade. Intervenção do bispo. Entrada da esquadra. O combate: captura dos navios. Assalto do forte Novo. Rendição do forte de S. Antonio. O pannico. Tomada da cidade. O saque. Chegada de Van Dorth.



A tregoa de 12 annos

A opportuna interferencia da França na guerra entre Hespanha e Hollanda, suspendendo as hostilidades com o accôrdo de uma tregoa de 12 annos, beneficiou, innegavelmente, em maior quinhão á primeira, a mais exgotada e desfalcada em tão cruenta lucta. Os hollandezes, bem de revés, continuaram incendidos no mesmo animo bellicoso, no odio, na vindicta, nos projectos hostis contra a sua poderosa rival. Dahi a fundação, mal se expirava a tregoa, de uma Companhia das Indias Occidentaes, rotulada de Commercio, mas, innegavelmente não passando, segundo Netscher «d'une société d'armateurs qui s'unissaient pour combattre les Espagnols».

Companhia das Indias Occidentaes

Effectivamente. Em 3 de Junho de 1621, foi concedida carta-patente á citada Companhia. Constituiu-se um conselho directorio, composto de 19 membros, formou-se um capital que se iniciou com 7 milhões de florins, e mercenarios foram alliciados e navios contractados, construidos, aprestados afanosamente como que obedecendo a um firme plano que outro não foi sinão o ataque, o saque, a conquista das colonias hespanholas no

Occidente. Fôra assim a sua congénere — a das Índias Orientaes, — fundada em 1602. A Hollanda, officializava, novamente, uma supposta Companhia de commercio merecendo, bem a talho, aquelle justo conceito decerto historiador «um Estado constituido em companhia de piratas.»

Escolha do ponto de ataque

Mas, ao tempo em que se aprestava e armava a esquadra, discutia-se no Conselho dos Dezenove o seu destino. Venceu a opinião de Usselinx, o Brasil foi escolhido. E ponderou-se que conquistado este, fácil seria o dominio no Pacifico e a posse, no mesmo passo, das ambicionadas minas do Perú.

Denúncias á Hespanha

Apezar do segredo ⁽¹⁾ em que se procurou envolver o aprêsto da expedição, viajôres judeus denunciaram-no em Lisbôa e em Bruxellas donde, chegando ao seu conhecimento, a infãnta Izabel de logo o scientificou á corte hespanhola. Esta não levou muito a serio a denuncia recebida. O ministro do reino — Gaspar de Gusman, conde de Olivares — não acreditou que a pequena Hollanda dispuzesse de recursos e de soldados, mesmo alliciados, para levar avante empreza de tão alto valor. Emfim, limitou-se a mandar recommendar ao governador Diogo de Mendonça Furtado «que estivesse vigilante e cuidasse de fortificar a cidade.» Somente.

Nem o preparo, ao menos, de um navio armado e tripulado, nem material bellico, nem dinheiro suffi-

(1) Não pensa assim, entretanto, o grande Varnhagen.

ciente, nem coisa alguma foi enviada que desse a transparecer auxílio ou interesse por parte da metropole.

Partida da esquadra

Entretanto, na Hollanda, se ultimava o preparativo da esquadra. Em 21 de Dezembro de 1623 esta desferrou do porto de Texel. Era uma poderosa expedição, forte de 1600 marinheiros, 1700 soldados 500 boccas de fogo, 23 navios e 3 yachts, uns fretados, outros construídos, entre os quaes, se contavam o Gronningen, o Hollandia, o Zeelandia, o Geldria, o De Hope, o De Haan, o Nassau, o Overijssel. Vinha sob o mando do almirante Jacob Willekens, sexagenario, cansado ⁽¹⁾ já para tão ardua empreza, sendo-lhe vice-almirante Pieter Pieterszoon Heyn e por fim, commandante das tropas e futuro governador das terras conquistadas—Johan van Dorth, senhor de Horst e Pesh, cavalheiro moderado, atilado e habil dirigente.

A viagem

Levava a esquadra alguns dias de viagem, quando, á altura de Plymouth violento temporal dispersou varios navios, que afinal, se reuniram em S. Vicente, em 28 de Janeiro de 1624, dia em que chegaram. Neste porto demorou-se perto de 2 meses tomando «agua e carnes» e principalmente armando 8 chalupas, vindas a bordo. Finalmente, em 26 de Março, levantou ferros e já agóra directamente ao Brasil. Tanto que passaram a linha equinoxial, em 21 de

(1) "Jacob Willekens, homem velho, nunca ou rarissimamente saía da náó."

Abril, os commandantes verificaram, ao abrirem a «carta de prego, que se lhes ordenavam o ataque e a tomada da cidade do Salvador. Tal foi a idéa victoriosa de Moerbeek, meses antes, no conselho dos dezenove. Luctando e vencendo, destemerosamente, ventos contrarios, Willekens alcançou por fim a costa do continente, na altura do morro de S. Paulo, em 4 de Maio. Faltou-lhe, entretanto, van Dorth.

A Hollandia, onde este viajava, desde os Açores se havia dispersado do resto da expedição. Decidiu-se o almirante, a capear com a esquadra, alguns dias, em frente á costa, á espera do companheiro. Cansado afinal de esperar resolveu assim mesmo atacar a cidade o que cemeçou de fazer na madrugada de 9.

Preparativos da cidade

Não foi verdadeiramente uma surpresa, um facto inesperado o ataque dos hollandezes á cidade do Salvador. Logo que recebeu, mezes antes, o simples aviso da Côte, Mendonça Furtado, então Governador, se dispoz a augmentar e reforçar a defeza da praça no que *lhe foi possível fazer, attendendo aos limitados recursos disponíveis.

Nesse tempo a nossa cidade possuía apenas 12 mil pessoas, 3 conventos, 2 igrejas e cerca de 1.400 casas. Os meios de defeza não eram tão numerosos. Contavam-se os fortes de S. Antonio da Barra, de S. Alberto, de S. Felippe e o forte Novo, ainda em construcção num lagêdo defronte da praia, construcção esta de que foi incumbido o

architecto Francisco Frias. Ainda assim Mendonça Furtado guarneceu os fortes de S. Alberto com 2 peças, o de S. Phillippe com 6, o de S. Antonio com 7 e uns 700 homens, o forte Novo com 6, 50 cestões e uns 500 soldados, a praça do Palacio com 6 peças e finalmente os reductos da Ribeira e de S. Francisco com 18 peças. Mandou abrir trincheiras, reforçou os pontos estrategicos e reuniu na cidade, para defeza, os moradores do reconcavo, fazendo distribuir entre os pobres a quantia de 3 vintens, para o seu sustento diário.

Foi quando então, dando curso ás noticias alarmantes que de muitos dias antes assaltavam a cidade, o capitão da fortaleza do Morro do Chapu denunciou ao Governador «a aparição no littoral de uma grande nau que parecia conduzir as outras» accrescentando depois «que se vião muitas vélas, as quaes juntando-se-lhe como para alguma empreza, ameaçavam repentina invasão.» Esta noticia alvorotou e affligiu a cidade. Tomaram-se as ultimas medidas, arregimentando cerca de 1680 homens e reunindo os navios do porto em numero de 30. (1)

Intervenção do bispo

Estavam as coisas nesta altura, a cidade constantemente sobresaltada por avisos de aproximação do inimigo, quando o bispo D. Marcos Teixeira, desastrosamente, veio contrariar as ordens do Governador, de quem era inimigo, (2) aconselhando,

(1) Alguns historiadores dão 15, outros 12.

(2) Um dos motivos desta inimizade foi a construcção do forte Novo a que se oppoz o bispo e tanto que convidado para benzê-lo pelo governador negou-se a fazê-lo dizendo que si lá fosse seria para amaldiçoá-lo.

até do pulpito, aos moradores do reconcavo, que voltassem ás suas fazendas cujas plantações resentiam-se de sua ausencia, que não dessem credito ás noticias alarmantes que ha días enchiam a cidade sobre o apparecimento de náus nas costas pois estas não eram mais do que corsarios occupados em fazer presas, sem nenhum intuito aggressivo a julgar pelos días que capeavam no littoral; emfim que melhor proveito tirariam nos séus engenhos que aqui reunidos, ha tanto días. A consequencia deste incitamento impatriotico á desobediencia não se fez esperar.

A disserção foi quasi completa e a já reduzida guarnição da cidade ficou profundamente desfalcáda.

Willekens força a barra

Foi nesta horrivel situação que Willekens deparou a cidade, quando na madrugada de 9 de maio de 1624—lhe começou a forçar a barra.

Nenhuma occasião lhe poderia ser mais vantajosa e favoravel. Divisados os navios—o Governador mandou tocar á rebate. E o alvorôço, a confusão, o mêdo, o terror começou de invadir desde este momento o animo da nossa população sebresaltada e angustiada, de ha muito, pelas noticias recebidas.

Mesmo assim, sob tanta balburdia, o governador não se descurou da defeza da cidade. Ordenou, incontinenti, a occupação de todos os póstos. O bispo, nessa occasião, mudando de pensar—offereceu os seus prestimos e os dos seus religiosos a Mendonça Furtado, que lhe aconselhou, entre-

tanto, conservar-se na Sé. No mar, Willekens, protegido pelos ventos, a pouco a pouco foi entrando pela bahia, pondo-se fóra do alcance das baterias de terra.

Alcançada a frente da cidade e preparado para o combate, antes, porém, o almirante batavo desejou um entendimento com o inimigo, pelo que, mandou que se dêsse um tiro de polvora sêcca e se mandasse um escalêr tripulado, levando uma bandeirinha branca.

Tal proceder não logrou, infelizmente, o effeito desejado. Responderam-lhe os sitiados com uma saraivada de balas, obrigando-o, ante isto, a principiar a lucta

Dispoz, então, Willekens, os seus navios em linha de batalha, collocando cinco defronte do forte de S. Antonio.

<p>O combate: captura dos navios</p>

Desde então Heyn, começando a peleja com 4 navios — o Geldria o Nassau, o Neptuno e o Gronnigen — investiu contra as embarcações do porto.

Não lhe havendo dado esta investida os resultados esperados, pois o Gronnigen desarvorou, sendo morto logo Neenwkerk, seu commandante, Heyn, mudou de tactica e, num gesto audacioso, investiu somente com 3 lanchas armadas e tripuladas com 20 homens cada.

Effectivamente o resultado foi diverso. Aterrorizados por tamanha audacia — os tripulantes aban-

donaram os seus navios, pondo fogo em sete e deixando os restantes em mão do inimigo.

Assalto do forte novo

Heyn, entretanto, não descansou e repetiu a sua proeza na tomada do forte Novo. Aprestou e armou 14 lanchas, com 20 homens cada e investiu contra o citado forte. A lucta foi rápida. Os hollandezes, por meio de croques ou uns sobre outros de logo e facilmente o assaltaram, cabendo a Heyn e o seu corneteiro serem os primeiros a entrar no reducto inimigo. Os portugueses, aterrorizados, fugiram, a nado, para a terra.

As perdas nesta péleja orçaram em 4 mortos e 10 feridos para os batavos e 13 mortos e um ferido para os portugueses. Encravadas as peças, retiradas várias pederneiras de mosquetes, ainda intactas, cuidou Heyn de voltar para a esquadra, o que fez com parte de suas forças, pois metade dellas entendeu de deixar no forte.

Rendição do forte de S. Antonio

No entremeio desta lucta, desenvolvida no mar, Alberto Schouten, com 1200 homens, 240 marinheiros e 2 peças de artilheria, desembarcou, ás 12 horas da tarde, no pontal de S. Antonio, investindo logo contra o forte do mesmo nome. O commandante do reducto português, Francisco de Barros, offereceu fraquissima resistencia, dando logar a que Schouten o tomasse com relativa facilidade, e, guiado, por dois hollandezes conhecedores dos caminhos, Dirck de Ruyter e Dirck Coblser, marchasse immediatamente sobre a cidade.

Deste modo foi o valente cabo hollandez bater ás portas de S. Bento, onde Mendonça Furtado Filho, com 70 homens, offerecendo-lhe certa resistencia, obrigou-o a recolher-se no convento dos Benedictinos. Tambem foi o ultimo encontro, a ultima peleja, o ultimo arremedo de resistencia. Os hollandezes, já á noite do mesmo dia, acampavam nas portas da cidade desolada. Haviam feito muito em tão pouco tempo.

O pânico

Mas o audacioso assalto dos navios e dos fortes, a rapidez e o heroismo demonstrados nessas acções, mesmo a impetuosa invasão da praça, tudo isto enfim, ao passo que incendeu o animo bellicoso dos sitiantes, de revés e desastrosamente, completou, na população da cidade sitiada, o sobresalto, a confusão, o terror, a balburdia, o pânico que as noticias anteriores deram início como um rastilho.

E á noite, a cidade «esbombardeada ainda pelos batavos», um grito de terror, de «Vem ahí o inimigo» se alastrou, se propagou, de bocca em bocca, celere, atemorizante, horrivel por entre a população sobresaltada.

Desde então presenciou-se talvez o mais triste quadro desenrolado na cidade do Salvador. Não foi mais do que toda a sua população foragida e aterrorizada que se atirou de logo em massa incon-tivel pelas portas da cidade, abandonando, espavorida, lares e haveres, em fuga precipitada pela noite a dentro.

Na manhã seguinte, assistiu-se um espectáculo desolador. A cidade quasi toda abandonada. Um silencio de morte dominou todos os seus cantos. Até obispo, com seus companheiros, acompanhou, na noite tetrica, o proceder do populacho atemorizado.

E a prata e as custodias e os demais ornamentos sagrados, tudo emfim, foi abandonado em mãos do inimigo, pois infelizmente a (1) « tanto pode o receio de perder a vida, o que emfim se perde tarde ou cedo e ás vezes em occasião de menos honra. »

Tomada da cidade

Durante a noite de 9 — os holandezes se alojaram parte na esquadra, parte no forte Novo e parte no convento de S. Bento, onde acamparam sob as ordens de Schouten.

Ao amanhecer do dia 10, dispondo-se Schouten a atacar a cidade, foi quando lhe appareceu um portuguez, empunhando uma bandeira branca, o qual lhe informou que podesse entrar pois nenhuma resistencia encontraria, uma vez que a praça se achava abandonada.

Ante isto Schouten transpoz as portas de São Bento, dirigindo-se com o seu exercito para o palacio do governador, cuja prisão (2) effectuou, juntamente com os demais companheiros, sendo todos enviados e repartidos pelos navios da esquadra.

(1) Frei Vicente do Salvador.

(2) Alguns historiadores asseguram que o governador offereceu, em seu palacio, resistencia aos holandezes, accrescentando ainda frei Vicente do Salvador que o mesmo vendo os inimigos subirem a escada do palacio "quiz pôr fogo a uns barris de polvora para abraçar-se, si Péro Casqueiro lhe não tirára o morrão da mão."

O saque

Mendonça Furtado, logo aos primeiros avisos da invasão hollandeza, e querendo impedir o exodo da população, já meio sobresaltada, prohibiu terminantemente «que os moradores, sob pena de morte, tirassem da cidade coisa alguma dos seus haveres.»

Conclue-se de logo os effeitos desta medida. Della quem mais ou de tudo se aproveitou foi o inimigo, e ahí está a razão por que foi tão copioso e completo o saque estabelecido. Os soldados, disse um historiador, «mediam ouro e prata aos chapéus chefos e muitos pararam trezentos a quatrocentos florins num lance de dados.» Nas igrejas, então, o saque foi completo. Custodias, calices, castiças, candelabros, crucifixos, objectos de ouro e prata, ornamentos, tudo emfim, foi levado, arrancado, saqueado.

Referem-se os historiadores a 13 imagens de prata, de tamanho natural, 12 representando os apóstolos e uma a Virgem Maria—levadas na vovagem do saque.

Os armazens, as igrejas e os collegios foram transformados, por momento, em deposito dos productos saqueados, como vinhos, azeites, couros, fumos, fazendas, açúcar, em cerca de 3900 caixas, etc. etc.

Infelizmente não poude escapar á sanha dos invasores a depredação e o incendio dos archivos da Secretaria da Camara, da Vedoria e de outros cartorios. Facto lastimavel, aliás, num povo civilizado. Registemos ainda aqui os saques posteriores

effectuados em cerca de vinte navios, os quaes (1) «lhes vierão depois cair nas mãos, porque como este porto é de tanto commercio, e vem a elle de partes tão remotas, que nem dahi a 4 mēses se pode nelles saber como estava impedido, por si se vinhão entregar e ancorar entre os inimigos, com quanto, lhes era necessario de farinha de trigo, azeites, biscoutos, vinhos, sēdas—e outras ricas mercadorias.»

Chegada de Van Dorth

No dia 11 de Maio a náu Hollandía, que desde a saída dos Açores se desgarrou da esquadra, conseguiu por fim entrar na bahía, trazendo o governador da cidade recentemente conquistada—Johan van Dorth.

Ao nosso ver o conceito que lhe devemos prestar e prestamos é precisamente aquelle justissimo de José de Vasconcellos «a pessoa de mais reputação e prudencia de todas que haviam saído da Hollanda para esta expedição. Sabia refrear sua autoridade á licença dos soldados, prevenia seu desvêlo ás offensas do inimigo, sempre liberal no premio dos que preenchiam os seus deveres, quanto rigoroso no castigo dos que a isso faltavam, amavam-no como pae os mesmos soldados.»

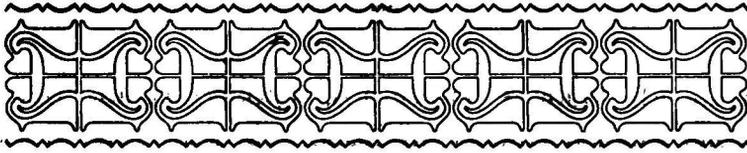
O primeiro cuidado de van Dorth foi publicar editaes. no dia immediato ao da sua posse. asse-

ao governo recém-formado. Felizmente a nossa população soube cumprir o seu dever, pois, excepção feita de alguns escravos e índios e uns duzentos christãos, desattendeu formalmente á solicitação feita. Ainda bem.

Van Dorth—occupou-se nos dias seguintes em reforçar e assegurar a defeza da cidade, mandando abrir trincheiras, reparar os fortes, augmentar o numero de peças nos pontos mais estrategicos etc. Encarregou-se ainda de enviar á Hollanda—a noticia da victoria e os seus primeiros fructos nos despojos conquistados. Effectivamente, em principios de Junho, com este mester saiu o yacht De Voos. Logo no mês seguinte—mais quatro navios saíram com o mesmo fim. Em 27 de Julho, Willekens, em 11 navios, partiu tambem para Hollanda. Finalmente, Heyn, em Agosto, com 4 navios, dirigiu-se para Angola, alcançando a patria, depois de accidentada viagem, em Julho de 1625, onde veio a saber da derrota de seus patricios.



SEGUNDA PARTE→A reacção. O bispo, commandante dos sitiantes. A morte de Van Dorth. Novas incursões. Nunes Marinho no commando. Avisos á Hespanha da tomada da Bahia. Chegada de D. Francisco de Moura. Situação dos combatentes.



A. reacção

Desiludidos, afinal, de que os inimigos aqui não vieram somente para o saque e sim para a conquista, causa muito provável da fraca resistência oposta, cuidaram então os habitantes foragidos de expulsá-los, muito embora, de princípio, fossem os mais insuficientes os meios de que dispuzessem. Dahi a apreciação merecida de certo historiador «de que a falta de armamentos apropriados, a escassez e por fim a carencia completa de pólvora limitaram, no princípio, as operações á arma branca, á flecha, ao combate singular, á tocaia.»

Tornou-se preciso um chefe que dirigisse as primeiras investidas. Mendonça Furtado, em quem sempre «sobejaram coragem e bôa vontade», prêso em um dos navios da esquadra, requereu um substituto. Abertas as vias de successão a escolha recaiu em Mathias de Albuquerque, até então em Pernambuco, mais de cem legoas distantes.

Attendendo-se á demora da viagem — nomeou-se, então, interinamente, o auditor-geral Antão Mesquita de Oliveira—que recebeu o titulo de Capitão-Mór do Reconcavo. Mas, poucos dias conservou-se no posto que lhe haviam collocado. A sua

avançada, idade e, parece-nos, o pouco agrado que a sua escôlha causou ao bispo, obrigaram-no, por fim, a renunciar o seu cargo, num conselho de officiaes, realizado em Pitanga.

E ao bispo foi então confiado o commando das forças sitiantes. Occasião melhor jamais poderia encontrar o alto ecclesiástico para «recuperar a sua opinião, que julgava perdida ante o Rei, por haverem sido os seus conselhos os que fizeram destituir a cidade da força necessária á repulsão do inimigo.»

Effectivamente a recuperou.

O bispo, commandante dos sitiantes

Ao saber da noticia de que fôra escolhido chefe das forças sitiantes, D. Marcos Teixeira procurou desempenhar-se da ardua tarefa sem medir os maiores sacrificios, aliás muito de entender em sua avançada idade. Trabalhou, dedicou-se mesmo devotamente á causa que lhe foi entregue. Transferio logo o acampamento da aldeia do Espirito-Santo, onde, até então permanecia, para o Rio Vermelho, que foi logo guarnecido com 6 peças, 6 rouqueiras e 3 falcões de bronze, armamentos estes levados por uma embarcação accidentalmente evadida do porto. Fez mais, escreveu aos varios habitantes do reconcavo, chamando-os e incitando-os ao cumprimento de seus deveres civicos tão preciosos no momento, prohibiu rigorosamente quaesquer relações com o inimigo.

Estas e outras medidas, tomadas com acêrto deram-lhe, finalmente, dentro de poucos dias um

effectivo de 1400 soldados, afóra os índios regimentados, uns e outros, divididos em 6 companhias sob as ordens respectivas dos valentes guerrilheiros Lourenço Cavalcanti, Antonio Cardoso de Barros, Francisco Balburda, Belchior Brandão, Lourenço de Britto e Diogo da Silva. Cuidou, então o bispo, de libertar Mendonça Furtado, preso ainda em um dos navios da esquadra. Não lhe foi bem succedida a empreza, o que muito concorreu a inhabilidade dos índios remadores. incumbidos do mestér.

Deu comêço ás guerras de emboscada, de fortuna variada a ambos contendores. Deste modo, aproveitando o dia 13 de Junho, devotado a Santo Antonio, o bispo, nessa madrugada, organizou e levou a effeito uma incursão contrá o inimigo. Novo insuccesso. Despertados pelos urros dos índios, os hollandezes reagiram, no convento do Carmo, «com tantas bombardadas e mosquetadas» que os sitiantes, rechassados, dispersaram-se.

Entretanto, alguns dias depois, tentando os hollandezes uma sortida contra o Rio Vermelho, foram completamente debandados pelos nossos, deixando no campo alguns mortos.

A morte de Van Dorth

Revés ainda maior soffreram os sitiados no dia 17 de Junho. Foi a morte tragica do seu querido chefe Johan van Dorth. Nesse dia van Dorth saiu a cavallo, com mais 50 homens para inspecionar a fortaleza de S. Phillipe, em Itapagipe. De volta, adeantou-se muito de seus soldados, sendo somente acompanhado pelo seu trombêta. Na altura

do lugar denominado Água de Meninos foi repentinamente assaltado, a um tempo, pelos índios que lhe flecharam o cavallo e pelos capitães Francisco Padilha e seu primo Francisco Ribeiro, os quaes, com pistoletes, mataram-lhe a elle e o seu trombêta e depois os índios cõtaram-lhe «os pés, mãos e cabeças», deixando aos hollandezes o corpo mutilado do seu mallogrado commandante. Van Dorth foi sepultado condignamente na Sé. Succedeu-lhe Alberto Schouten.

Novas incursões

Em 15 de Julho — voltavam os hollandezes a atacar o arraial do Rio Vermelho, sendo, comtudo, rechassados pelo bravo capitão Francisco Padilha. Nova sortida foi levada a effeito em 1.º de Agôsto, logrando os sitiantes um certo exito.

Estando os hollandezes, em Itapagipe, occupados e distrahidos «em fazer carnagem», foram, então, atacados pelos nossos, que lhes infligiram serio revés, conseguindo aprisionar o commandante do destacamento hollandez do forte de S. Phillipe. Os capitães Affonso Rodrigues Adorno e Pero de Campos, numa cilada armada contra os invasores, em Itaparica, conseguiram aprisionar duas lanchas e 5 rouqueiras. No dia 24 de Agôsto intentaram os hollandezes, em numero de 150, uma seria sortida contra os nossos, para os lados do convento do Carmo. Felizmente foram completamente destrôçados pelos capitães Manoel Gonsalves Dorias e Luiz Aguiar — com os seus 66 homens.

**Nunes Marinho no
commando**

Tanto que soube da triste nova da tomada da cidade do Salvador, e, no mesmo passo, a da sua indicação para commandante das forças sitiadas, mandou Mathias de Albuquerque, em seu lugar, Francisco Nunes Marinho, o qual, depois de uma viagem tormentosa, conseguiu aqui aportar em 22 de Setembro de 1624, trazendo 2 caravellões, 30 soldados, pólvora, munições, vinho, azeites etc. Passou-lhe o commando, o bispo D. Marcos Teixeira, aliás já alquebrado e doente pelo excesso de trabalho que a tarefa verdadeiramente estafante lhe obrigou dispendir.

Também poucos dias sobreviveu, fallecendo em 8 de Outubro do mesmo anno. O commando de Nunes Marinho—assinalou-se por varias sortidas, algumas coroadas de completo exito. Assim as do Carmo e as de Itaparica. Marinho ainda augmentou as fortificações em varios pontos, construiu trincheiras em S. Bento e em Itapagipe, determinou que velejassem 2 barcos, constantemente, um na altura de Itapoan, outro na do morro de S. Paulo, com o fito de avisarem as embarcações a occupação da cidade pelos hollandezes, livrando-as do aprisionamento. (1)

**Avisos á Hespanha da
tomada da Bahia**

A nova da tomada da Bahia chegou á Hespanha em 26 de Julho de 1624. Mandou-a Jeronymo de Albuquerque.

(1) Algumas embarcações já tinham sido apfisionadas—destacando a em que vinha D. Francisco Sarmiento de Soto mayor, sua mulher, filhos, genro e seu thezouro. Deste mesmo modo caiu prisioneiro o consagrado historiador Frei Vicente do Salvador.

Como se pôde prever a noticia desoladôra pôz de logo em desasossêgo e alvorôto todo o reino. Novenas e procissões solemnes realizaram-se, então, em todas as cidades de Hespanha. Em Portugal— o S. Sacramento ficou expôsto permanentemente em todas as igrejas á veneração dos fieis.

Philippe IV dirigiu-se logo aos seus subditos, concitando-os ao cumprimento de seus deveres, por meio de proclamações ardilosas, datadas de 7 de Agôsto e escriptas nos seguintes termos: «No dudo que tales vasallos en obligaciones, amor y valor acudiran en esta ocasion a servirme, y a bolver por sy mismos com tales veras que cuya a aver maior trabajo en astagar que no vaian, que en animar-les pera de esto. Pues es cierto que yo los estimo, y amo tanto que holgar in con mi persona en esta jornada pera mostrar-lhes quanto deseo la conservacion de essa Corona, sino aumentarla y engrandeserla, como tales vasallos merecen.»

Aprestou-se afanosamente uma poderosa esquadra, que vîngasse brilhantemente a affronta recebida.

Não se mediu sacrificios. O proprio rei—resolheu «que da armada do mar oceano se juntasse a maior força que fosse possível, ficando só para a guarda da costa 10 ou 12 navios, e que os mais fossem ao Brasil.»

As contribuições, as offertas, os donativos cho-veram de toda a parte. Só o presidente da Camara da cidade de Lisbôa—deu cem mil cruzados, afôra outras vultuosas. Disputou-se a honra de um lugar

fosse qual fosse, na esquadra. Certa feita, foi até preciso tirar-se a sorte, nos dados entre dois irmãos, —para saber-se qual delles seguiria, tão intensos e iguaes eram os desejos de ambos.

Com o fim de avisar aos da colonia—o apresto de tamanha esquadra—mandou-se, em 8 de Agôsto, com destino a Pernambuco—os capitães Francisco de Mello e Pero Cadena, em 2 caravellas, levando ainda 120 homens, 50 quintaes de polvora, 20 idem de chumbo, 1100 pelouros de ferro, 1300 arcabuzes, 4 arrôbas de morrão, 200 lanças e piques de campo, 14 quintaes de chumbos em pelouros etc. Francisco de Mello chegou em Pernambuco em fins de Setembro, noticiando o apresto da esquadra, o que alvorotou sobremodo a população.

Não se limitou a este primeiro aviso, a côrte de Hespanha. Poucos dias depois, em 19 de Agôsto mandou ao Brasil—D. Francisco de Moura—com o titulo de Capitão Mór do Reconcavo, levando ainda novos reforços. •

Chegada de D. Francisco de Moura

O novo emissario da côrte hespanhola chegou, por fim, em Pernambuco, nos principios do mês de Novembro. Demorou-se uns oito dias, recebendo outros reforços e depois zarpou com destino á Bahia, onde chegou e desembarcou na Torre de Garcia d'Avila, em 30 de Novembro, do mesmo anno. O seu reforço cifrou-se em 9 naves, 3 caravellas, 6 caravellões, 150 homens, 300 arcabuzes, 10 quintaes de morrão, 50 quintaes de polvora, 29 quintaes de chumbo, 150 fôrmas de

pelouros e 80 mil cruzados, Logo no dia 3 de Dezembro, Nunes Marinho passou-lhe o commando das forças sitiadas.

Situação dos combatentes

Entretanto, as sortidas de lado a lado continuavam, com sorte variada, mas ainda assim com uma certa melhoria para os sitiados. Certa feita, por lhes já irem escasseando as provisões de bocca, intentaram os holandezes uma investida contra a ilha de Itaparica, onde souberam haver «muitos curraes de vaccas e bôas pescarias» Com este fito, Kijff embarcou com 400 soldados em 2 naus e varias lanchas, não conseguindo, entretanto, nem desembarcar, graças á heroica resistencia opposta pelo capitão da ilha, Paulo Coelho e seus companheiros.

Em 8 de Dezembro os sitiados receberam importantes noticias da Hollanda. Chegou-lhes o yacht De Windhond—trazendo o aviso do aprêsto de uma poderosa esquadra hollandeza, em auxilio de seus patricios.

Este facto confortou e animou sobremaneira os sitiados. Pela festa do Natal—outro navio hollandez chegou á Bahia, mas trazendo, infelizmente, a nova de que se aprestava na Hespanha uma poderosa esquadra, conforme cartas do rei Philippe IV encontradas num navio portuguez, aprisionado pelo primeiro, em alto mar.

Ante taes noticias, Alberto Schouten cuidou afanosamente de reforçar a defeza da cidade e do

porto, mandando acabar de aperfeiçoar o forte do mar.

Novo revés abateu profundamente as fileiras hollandezas. Foi a morte, em 24 de Janeiro de 1625, de Alberto Schouten. Succedeu-lhe o seu irmão, Guilherme Schouten.

Um dia após a morte do bravo cabo hollandéz—chegou novo navio da Hollanda, trazendo 60 soldados e a confirmação do aprêsto de uma esquadra poderosa em auxílio de seus companheiros.

No dia 10 de Março intentaram os hollandezes um ataque á villa do Espirito-Santo. Não lograram éxito. Foram repellidòs pelo capitão Francisco de Aguiar e seus companheiros, deixando 2 prisioneiros.

Poucos dias depois, em 13 de Março, chegou da Hollanda um navio carregado de ladrilhos—com os quaes os sitiados continuaram a construcção de uma torre, junto ao muro do Carmo. Aconteceu-lhes, porem, faltar cal. Foram-na buscar, então, na manhan de 17 do dito mês, numa casa para lá da ermida de S. Antonio Além do Carmo, acompanhados de muitos negros—a que os nossos chamavam—*tapanunhos*—e cerca de 120 soldados. Aconteceu, porem, que estando por aquellas redondezas os capitães Jordão de Salazar, Francisco Padilha, Jorge de Aguiar e seus homens, travou-se uma seria peleja, a qual, por estar chovendo no momento, foi decidida a arma branca.

A victoria pertenceu aos nossos. Os inimigos perderam 9 companheiros mortos, entre os quaes— o seu tenente-coronel, muitos feridos, 18 mosquetes, 2 alabardas, um tambor e muitas espadas.

Dos sitiantes, apenas 2 mortos e 12 feridos.



TERCEIRA PARTE: — Partida da esquadra. O auxílio. A chegada. Os danos. O desembarque. Novas precauções. Uma sortida feliz. A offensiva. Reforços. A revolta. O novo commandante. Desanimo. O stratagemma. A capitulação. Victoria ...

